



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O jardim secreto das rosas

A luz encontrou-me

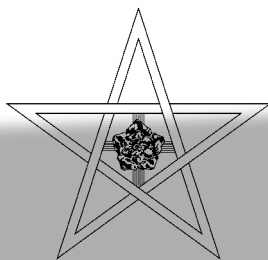
O outro lado da luz

Meu nome é Fóton

Somos seres de luz ou seres fictícios?

A luz dos olhos

Arranje tempo: deixe entrar a luz

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Redatores

C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I.W. van den Brul

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, V.L. Kreher, L.M. Tuacek, U.B. Schmid, N. Soliz,
L.A. Nepomuceno, M.B. Paula Timóteo, M.M. Rocha Leite,
M.D.E. de Oliveira, M.R.M. Moraes, M.L.B. da Mota, R.D.
Luz, F. Luz

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Terceira capa

H. Rogel

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaura.org.br
info@rosacruzaura.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaura.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 34 número 2 2012

Luz!

Ó Mistério Magno, que tudo interpenetra,
intangível e intransponível! Ó insuperável
Beleza, o que de ti revelaste? Quanto os
homens te despojaram em suas tentativas de
agarrar o Infinito!

“Salve, ó luz sagrada, primogênita dos Céus,
Ou coeterno fulgor da eternidade!
Como posso pronunciar teu nome sem
blasfemar contra ti?
Pois Deus é luz, e desde a eternidade
habita em luz intacta, habita em ti,
brilhante eflúvio de brilhante essência incriada.”

John Milton

sumário

- sobre a aurora e o brilho do sol
ou como o homem chega à luz 2
- a luz encontrou me
a gnosis quántupla 4
- colaboração internacional dos
leitores com a redação 8
- o outro lado da luz 10
- meu nome é fóton
sou mais conhecido como luz 14
- a edda – final
lokasenna – a discórdia de loki 18
- somos seres de luz ou seres fictícios? 22
- a luz dos olhos 25
- o um 28
- a manifestação da luz 29
- transpondo fronteiras
alguns comentários sobre
“(r)evolução 2012” 30
- o livro maravilhoso 31
- uma visão diferente e mais profunda
qual é a verdadeira natureza da luz? 33
- arranje um tempo
deixe entrar a luz 34

Capa: Mark Rothko (detalhe)



sobre a aurora e o brilho do sol

OU COMO O HOMEM CHEGA À LUZ

Quem sente que a Gnosis alcançou grande significado em sua vida e percebe outra realidade – que tem uma essência diferente de tudo o que é conhecido – consegue captar o conceito “luz” de modo completamente novo. Afinal, podemos falar de um encontro entre a Gnosis e o ser humano, a Gnosis e o cosmo: e é exatamente a contraposição dessas duas condições de luz, essencialmente tão diferentes entre si, que produz em nós o conhecimento.

Poderíamos dizer que conhecemos a velocidade da luz – essa luz que conseguimos visualizar e que é apenas uma parte do espectro eletromagnético. Mas também podemos falar de uma luz diferente, imensurável: a luz da qual João dá testemunho em seu Evangelho, ainda que ele não seja a luz. A luz por meio da qual a vida humana é possível, a luz que nos circunda, aquece, ilumina é, sem dúvida, o aspecto mais refinado e elevado da criação. Mas, mesmo atuando sob o mesmo princípio, irradiando da mesma fonte e refletindo o mesmo corpo – ela não é a mesma luz. João não é a luz, porém fala sobre a luz, traz a luz. Ele é o homem que encontrou a Gnosis, o conhecimento sobre ela em

seu coração. Trata-se da luz imensurável ou a luz, como emanção do “Isso”, do Tao, de Deus. O conhecimento hermético explica como o homem pode chegar ao conhecimento dessa luz. Podemos chamar a luz de Espírito, entendida como sabedoria – uma sabedoria que atua continuamente –, como pensamento divino. Hermes fala sobre “a sabedoria que pensa no silêncio.” João é um homem que se tornou silencioso. No coração calado onde reina uma paz benfazeja, essa sabedoria pode expressar-se: ela pensa no pensamento desse homem. É como eles se encontrassem! É a partir desse encontro que podemos falar da luz – da luz visível, e, no entanto, misteriosa – e da luz interior. Da luz como um fogo invisível e da origem desse fogo. Da aurora e do brilho do sol. Da centelha e do fogo. E do homem como “Pai das Luzes”. Nesta e na próxima edição da revista **Pentagrama** que tratam da luz tentaremos dar testemunho dela e assim lançar uma ponte rumo a 2012 ✪

“Utilizamos grandes formatos porque são claros e inequívocos. Utilizamos superfícies planas porque elas destroem ilusões e desvendam a realidade.”

Mark Rothko, no. 8, ca. 1950

a luz encontrou-me

Catharose de Petri

A Escola da Rosacruz Áurea está em um novo campo, em uma atmosfera inteiramente nova. A luz que acena, conclama e impele para diante realmente pairou, silenciosa, sobre a gruta da natividade e, nessa gruta, despertou algo inteiramente novo. Conseqüentemente, agora o grupo está diante da tarefa de fazer crescer esse novo e cuidar dele. Não se trata de cultivar o solo onde esse novo nasceu, mas sim de transfigurá-lo, assim como tudo ao seu redor.

Os alunos da Escola que observaram seu desenvolvimento e sua marcha durante longos anos sabem que esse desenvolvimento e essa marcha são caracterizados por fases consideravelmente diferentes uma da outra. Longe de se oporem violentamente, essas diferenças têm entre si uma conexão lógica. É como ocorreu no êxodo do antigo povo semítico, deixando o Egito pela Terra Prometida. Essa é a história de toda fraternidade gnóstica a caminho de uma nova realidade.

Na primeira fase, um grupo em formação torna-se claramente consciente da opressão e do aprisionamento em que vive. Então, resmungo e protesta de maneira evidente. Do ponto de vista psicológico, esse fato é inteiramente explicável, pois do subconsciente surge de modo cada vez mais forte a consciência de uma pátria “pré-histórica”, onde era muito diferente – sim, muito melhor, excelente mesmo. Por esse motivo, nessa primeira fase, surge o firme anseio e também a suposição de que é possível melhorar tanto a situação pessoal quanto a do grupo, assim como as condições exteriores de aprisionamento, e até mesmo torná-las suportáveis.

Geralmente, apresentam-se uma orientação ocultista e uma manifestação ético-humanitária. Até então, as pessoas não sabem que essa fase deve acabar, isto é, chegar ao seu limite absoluto. De fato: não é possível concretizar o reino de Deus “sobre a terra”. Assim, uma ordem verdadeira, no sentido de uma comunidade do mundo da alma, não pode ser estabelecida na dialética, nesta ordem de emergência da dialética, que é movimentada pelos opostos.

O homem ocultista engrandece a si mesmo. É o homem egocêntrico no verdadeiro sentido da palavra. Ele até reconhece seus limites, suas carências, porém quer ultrapassá-los cultivando seu ego. Esse homem “da primeira fase” não percebe que isso é impossível e que é justamente dessa forma que o oposto é invocado.

Foi assim que a magia branca sempre gerou a magia negra. Ou seja: cultivando uma ou outra, o ego atinge determinado ponto culminante em

A pomba, símbolo do Espírito, num campo azul-celeste ornamentado pela estrela de cinco pontas, representa o homem-alma perfeito que saúda o Espírito. Gravura em seda, presenteada a Catharose de Petri por Antonin Gadal



J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, descreviam e explicavam para alunos e interessados, muitas vezes com base em textos originais da Doutrina Universal, o caminho que leva à libertação da alma, do qual foram um exemplo vivo



O conhecimento de que ele nada é, nada possui – e, ainda assim, está envolto pela luz – faz do homem buscador um ser pleno de alegria

que é confrontado pelos pares de opostos da dialética, pois ele precisa manter-se e empreender a luta pela existência. Desse modo, a magia branca converte-se em magia negra, com todas as consequências. Esse fato é bem conhecido.

Se, depois de uma experiência tão dolorosa como essa, a ideia de um lar paterno perdido ainda continuar inabalável, o homem da primeira fase entrará na segunda fase: a fase da fuga, do êxodo! Então ele se distancia de tudo o que é velho de modo visível e absoluto e rompe com os antigos vínculos. Depois passa para a negação. Ele refugia-se na ideia clara e vivente de que “meu reino não é deste mundo”!

A partir daí, segue-se o deserto! Afinal, como encontrar, neste mundo, o reino que não é deste mundo? Como entrar em outra natureza com um ser que provém inteiramente desta natureza e se desenvolve segundo o nascimento natural?

É por isso que a segunda fase é a do deserto. O homem atravessa o deserto de areia da natureza dos opostos. Mas, para onde ele deve seguir?

E, assim, ele vai-se perdendo nos meandros do caminho: tanto faz ir para o norte ou para o sul, para o leste ou para o oeste. Por toda parte há apenas areia, que lhe escorre por entre os dedos. O que importa, como diz o Antigo Testamento, levantar cedo ou ficar acordado até tarde? Não comemos sempre o pão das dores? “Nada há de novo debaixo do sol”! Tudo o que é e tudo o que está por vir já existiu ao longo dos séculos antes de nós. Na verdade, o Pregador era um peregrino no deserto, um homem da segunda fase! No entanto, o reconhecimento absoluto de que

“tudo é nada – não pode ser nada”. Esse caminho penoso através do deserto, tem, no entanto, extraordinárias consequências psicológicas. Após diversos espasmos de medo e revolta, ele provoca um aquietamento, uma dissolução do eu no não eu, com sua consequente morte.

No início, esse declínio do eu, causado pela experiência no deserto, é triste de se ver. Mas isso é apenas temporário, pois esse declínio do eu é um nadir. No final dessa fase, o homem quase se torna semelhante à areia do deserto. Porém é nessa condição que surge uma abertura para uma nova luz no sistema do homem. É um grande milagre! Nas profundezas de seu ser, o homem encontra a Gnosis – ou pelo menos, sua força irradiante. Quem, em sua fase desértica, encontrou essa luz, viu essa luz, entra na terceira fase. Ele começa a viagem ao Jordão, a viagem que o conduz ao estado de alma vivente. A luz é a força que confere ao peregrino do deserto o poder de passar a uma nova atividade. É por essa razão que a terceira fase já não é caracterizada pelo aspecto oculto das coisas, pela tentativa de atingir o objetivo por meio do antigo eu: agora se trata de uma vivência mística – a mística da gratidão, da certeza e do amor! O conhecimento de que ele nada é, nada possui – e, ainda assim, está envolto pela luz – faz desse homem um místico, um homem que reconhece, louva e venera a luz. É com essa vivência que a Escola e o aluno se aproximam do manancial, da fonte da luz, do rio de Deus. Essa aproximação apenas pode ter *um* desfecho: o nascimento do novo estado de alma.

Então, segue-se a quarta fase: a fase do caminho da cruz com rosas. De fato, o grupo que entra nessa quarta fase precisa “levar de volta para casa”, em segurança e protegendo-o de todos os perigos, o novo princípio de vida que acaba de nascer em uma natureza inteiramente estranha e hostil. Em realidade, a Escola e o aluno que atravessou o rio com ela estão em uma nova terra: a verdadeira “Terra Prometida”. A luz que acena, conclama e impele para diante realmente pairou, silenciosa, sobre a gruta da natividade e, nessa gruta, despertou algo inteiramente novo. Consequentemente, agora o grupo está diante da tarefa de fazer crescer esse novo e de cuidar dele. Não se trata de cultivar o solo onde esse novo nasceu, mas sim de transfigurá-lo, assim como tudo ao seu redor. Dessa forma, como é dito no Antigo Testamento, a “Terra Prometida” deve ser conquistada da mão do inimigo. Esse é o caminho da cruz com rosas! A rosa é o novo princípio vital liberado pelo renascimento da alma e deve ser estimulada a crescer. Por isso, o verdadeiro rosacrucianismo é tão incisivamente cristocêntrico – trata-se da transfiguração gnóstica absoluta – e jamais é ocultista, sob nenhum aspecto. Quem é inflamado pelo Espírito de Deus deve estar disposto a morrer em Jesus e, assim, realmente ousar ser um rosa-cruz. Então, é chegada a quinta fase, denominada “renascimento pelo Espírito Santo”. Essa é a fase dos “nascidos duas vezes”. O primeiro nascimento é celebrado em *Chrestos* – e é o nascimento da alma. O segundo nascimento é o de *Cristo* – e é a vitória sobre todos os obstáculos mediante a alma, a recriação da Terra Prometida mediante

transfiguração, a unificação do homem-alma perfeito com o Espírito, o Pai, e é também a vivificação perfeita e absoluta da “nova Jerusalém”, com seu radiante templo da Cabeça Áurea. Quem conseguir compreender esse caminho quádruplo da Escola e do candidato aos mistérios gnósticos reconhecerá, então, o significado extraordinário, para todo o corpo-vivo da jovem Gnosis, dos tempos que estão chegando. As primeiras cinco fases do corpo-vivo da jovem Gnosis correspondem inteiramente à senda quádrupla que acabamos de esboçar. No novo reino gnóstico é investigado um caminho que conduz à vida libertadora do novo estado de alma vivente. Enquanto for possível, ainda que em certa medida, a Escola da jovem Gnosis manterá esse caminho aberto para todos os que, em nossa época, desejam seguir essa senda tão longa e complexa. Para todos os que concluíram essa obra grandiosa e magnífica desponta a época da liberdade, da harmonia e da profunda paz da grande comunidade de almas. Agora que o edifício está pronto, na Escola e na vida de discipulado dos alunos, todos os aspectos podem e devem entrar em perfeito equilíbrio para a bênção de todos.

*Por haver perdido o ego
nas areias do deserto,
fui eleito em virtude
do “já não ser”.
Na desolação desta existência,
fui encontrado pela luz,
que agora, desta aridez,
me chama para o rio de Deus! ☼*

colaboração internacional dos

A partir deste ano, os artigos publicados na revista passarão a ser redigidos por alunos e amigos de todos os campos do trabalho mundial. É enriquecedor e estimulante quando os buscadores da sabedoria podem tornar amplamente conhecidos seus pensamentos, ideias e intuições. É com prazer que a revista **Pentagrama** se coloca à disposição como fórum para isso.

Com a edição de dezembro passado, completamos o 33º ano da revista **Pentagrama**. Por 33 anos, os colaboradores de todos os campos de trabalho fizeram tudo para partilhar a luz que os anima com todos os leitores desta revista que estiveram abertos para isso. A Escola Espiritual apresentou uma série de publicações a começar com a primeira revista “A Rosa-Cruz” (em holandês: *Het Rozekruis*) que surgiu em dezembro de 1927. Sempre houve uma revista – às vezes até mais – que acompanhou cada fase ou novos desenvolvimentos do processo do vir-a-ser da Escola da Rosacruz Áurea, elucidando, explicando e esboçando esse processo com firmeza. É como uma crônica – realmente, muito mais que uma crônica! Na revista **Pentagrama**, temos três tipos de artigos:

1. Os que têm por tema a sabedoria da Gnosis;
2. Os que tratam de como o buscador reage à Gnosis e dos efeitos desta sobre ele;
3. Os que tratam do desenvolvimento do campo de trabalho gnóstico no mundo todo.

No passado, as publicações da Escola eram obra de um inspirado grupo holandês que explicava o sentido e o *modus operandi* do Lectorium Rosicrucianum aos alunos do mundo todo: era a melhor forma de apresentar o desenvolvimento de todos os campos de trabalho. Essa fase pertence ao passado. Agora vemos, no trabalho internacional, um panorama totalmente diferente: a Doutrina Universal é divulgada em sete regiões. E de onde vem a inspiração? Da fonte que torna nossa obra *uma* de fato. Diante de nós, apresenta-se um desenvolvimento positivo, empolgante e

extraordinariamente interessante. Sob essa luz, a revista **Pentagrama** tem um papel importante no trabalho internacional da Escola Espiritual: uma missão que cruza fronteiras, pois ela é publicada com conteúdo idêntico em 42 países e em 17 idiomas! Por isso, cada vez mais, ela comprova ser um excelente meio de reproduzir a pulsação da Escola Espiritual moderna.

A partir de 2012, os artigos a serem publicados na revista serão redigidos por alunos e amigos de todos os campos de trabalho mundial. Em alguns países já existem grupos de escrita que se reúnem regularmente para discutir o que gostariam de escrever, esboçar temas específicos ou planejar artigos individuais. O fato de buscadores da sabedoria poderem tornar amplamente conhecidos seus pensamentos, ideias e intuições sempre é motivo de estímulo e enriquecimento. Para tanto, a revista **Pentagrama** coloca-se à disposição como fórum, e a redação estará sempre à procura de colaboradores em todos os países e regiões de nosso trabalho.

O aluno sempre será um buscador. Ele reage constantemente à força ativa da Gnosis, que lhe chega por meio da Escola Espiritual. E ele também se interessa pelos acontecimentos mundiais: afinal, ele está *no mundo* e, por esse motivo, também é corresponsável por tudo o que acontece. Portanto, cada novo acontecimento pode ser, ao mesmo tempo, uma oportunidade para trabalhar e servir de maneira ainda melhor.

Quem sempre está voltado para a verdade só pode desejar ser verdadeiro. Ele tem consciência em sua palavra escrita de que o mundo dos fenômenos sempre mostra apenas o lado visível

leitores com a redação



das coisas. Com sua cabeça e sua compreensão, ele anseia amorosamente conhecer, abranger e entender: Gnosis. Seu coração volta-se para a verdadeira beleza, a beleza interior da moral, da razão e da alma. A verdadeira beleza deriva do Bem Único, provém diretamente de Deus. E, onde cabeça e coração estão preenchidos por ela, procura-se dar testemunho disso com a ação, como, por exemplo, por meio da palavra escrita. Diante de nossa consciência delineiam-se claramente duas ordens de natureza: existe um mundo de luz eterno em que tudo permanece. E existe um mundo em que nada é duradouro, onde tudo virá a desaparecer. Mas que alegria é saber que, apesar de tudo, este mundo sempre estará envolvido por uma luz ideal, que se conecta à luz adormecida no próprio homem, que possibilita que nele desperte e floresça o ser de luz! Por isso a redação da revista **Pentagrama** sente-se responsável por dar voz a essa luz, mostrá-la

realmente, para fazer ressoar tanto quanto possível o cântico da libertação. Procuramos sempre por novo contato através da luz, lendo com o coração receptivo como outros trabalham com a luz. Porque, por meio dos resultados obtidos, pode nascer uma nova inspiração. Rejubilamo-nos ao ler ou escrever a esse respeito. Assim, solicitamos aos alunos de todas as regiões que nos enviem as suas contribuições para que a revista **Pentagrama** – ainda mais do que atualmente – possa divulgar o trabalho da Escola Espiritual moderna, no mundo inteiro e, desse modo, dar testemunho de uma nova alma.

A redação ✪

Sua colaboração em holandês, alemão, inglês ou francês pode ser enviada para: **Redação Pentagrama, a/c Centro de Conferências Renova, Maartensdijkseweg 1, NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos.**

info@rozekruispers.nl
A redação reserva-se a decisão sobre eventual alteração ou redução de artigos a serem impressos.

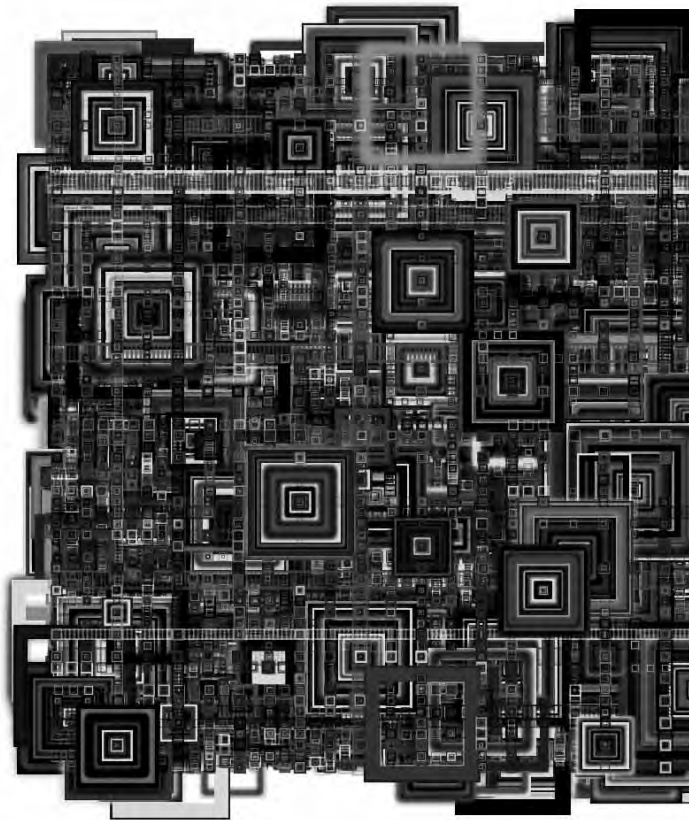
o outro lado da luz

“As pessoas sempre têm sombra”, pensa o viajante. Por que alguém iria querer livrar-se dela? O que há de errado com ela? Alguém pode ficar sem sombra? Então, o viajante procura o oposto da sombra: a transparência.

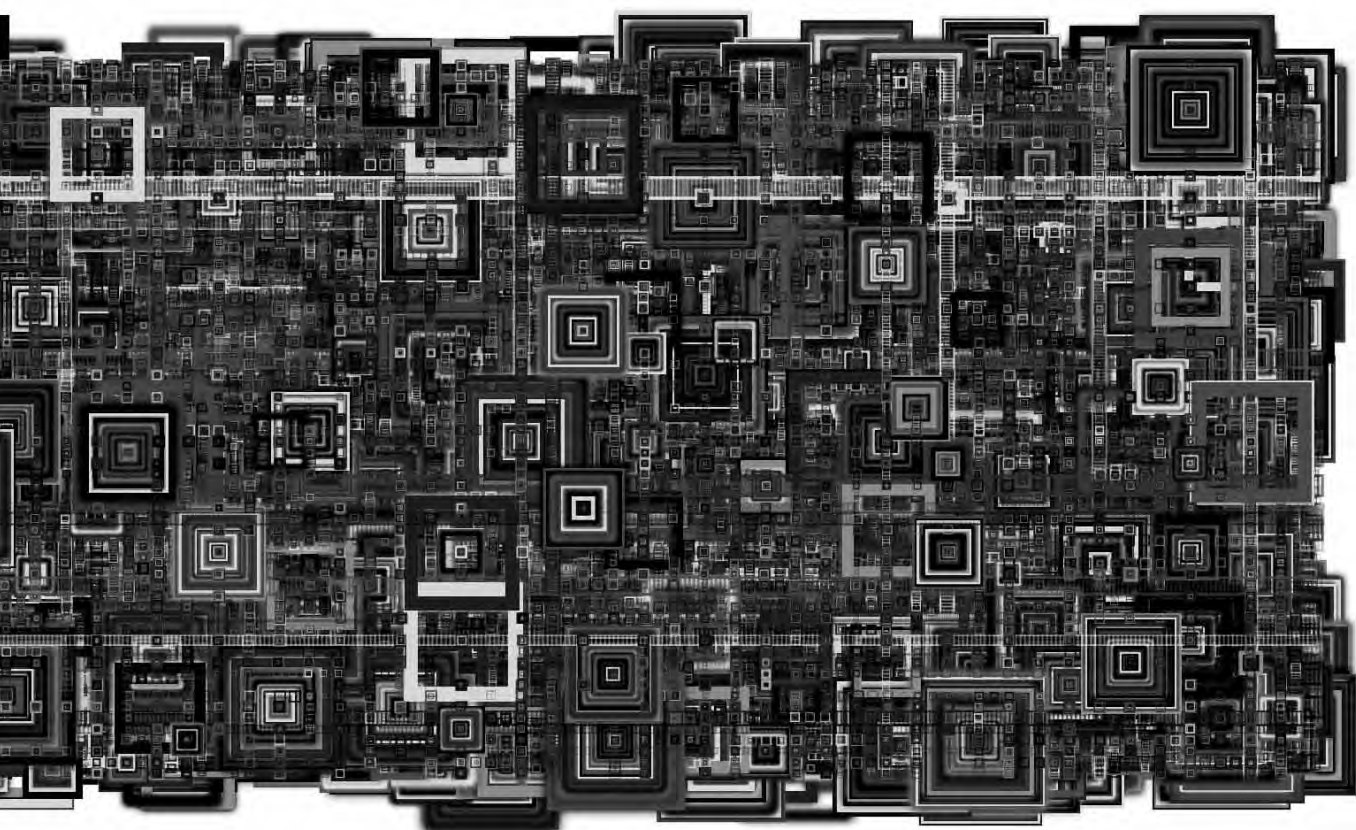
Um trem viaja a alta velocidade. O viajante olha pela janela do trem e segue o jogo de luz e sombras voando ao lado do trem. Fascinante!

É o que aparentemente uma menina está pensando, porque ela diz: “Olha, papai! Uma sombra comprida!” Para surpresa do viajante, o pai da menina inicia uma minuciosa e longa história sobre luz e sombra. E ele termina com: “se um dia você ficar bem em cima da linha do Equador, não terá sombra nenhuma!” Que conversa mais incomum para uma viagem de trem! Durante anos o viajante carregou consigo essa conversa. Algumas vezes, por breves momentos, ela volta à tona – especialmente a última frase. Mas ele não sabe o que fazer com essas lembranças. Até que um dia, em uma festa, alguns amigos estão vendo vídeos engraçados na Internet. Lá está o vídeo de uma garotinha que entra em pânico ao ver a própria sombra. O pessoal repete o vídeo mais uma vez para rir de novo da garotinha assustada. O viajante não acha graça nenhuma ao ver a garotinha com tanto medo, porém assiste ao vídeo assim mesmo. A cena lhe faz lembrar alguma coisa, mas a festa continua, e ele fica todo envolvido com o ambiente. No entanto, está preso em seus pensamentos. Ele sente que precisa pensar sobre isso. Essas duas histórias com a sombra como tema não podem ser coincidência.

Durante suas viagens, ele sempre se lembra da conversa do pai com a filha, e especialmente a frase sobre o Equador. Também se lembra do



vídeo que mostra o pânico de uma menina ao ver a própria sombra. Sua rica imaginação sugere que a menina viajará para algum lugar por onde passe o Equador, quando tiver 21 anos, a fim de verificar se a história do pai é verdadeira. Realmente não é fácil achar a posição exata por onde corre a li-



Don Relyea, *Linhas vermelhas*. Arte geométrica abstrata, 2005

nha do Equador. Mas, supondo que ela consiga, em que ponto exato sua sombra se achatará? Ela encolhe-se o máximo que pode, mas não adianta. Mesmo ficando reta como uma tábua, ainda continua tendo sombra. “As pessoas sempre têm sombra”, pensa o viajante. Por que algumas gostariam de não tê-la? O que há de

errado com ela? Porque a garotinha entrou em pânico quando viu a própria sombra? Então ele procurou na Internet, usou seu conhecimento e montou uma lista bem feita com tudo o que encontrou sobre o tema *sombra*:

1. O Mito da Caverna, de Platão: as pessoas estão de costas para uma fogueira,



acorrentadas em uma caverna, e veem sua sombra projetada na parede. Elas acham que essa sombra é a realidade porque não conhecem nenhuma outra.

2. Geralmente, as sombras são relacionadas à morte e a outras coisas ruins.
3. As crianças brincam com a própria sombra.
4. Poucos adultos divertem-se com sua sombra. Pelo contrário: para muita gente a própria sombra é motivo de conflito, e por isso procuram ajuda em terapias.
5. O princípio da sombra inspira vários escritores a criar histórias de pessoas sem sombra, ou de sombras com vida própria que dominam a vida dos outros (Hans Christian Andersen, Robert Louis Stevenson e Oscar Wilde, por exemplo).
6. Existem muitas superstições que têm a ver com sombras. Há pessoas que têm medo de ficar à sombra de outros, e às vezes algumas crianças, quando encolerizadas, pisoteiam a sombra dos pais.

O viajante acha a história de Platão intrigante. É isso! A existência de outra realidade parece uma possibilidade real. Mas como foi que aquelas pessoas entraram na caverna? E de súbito percebe: ele também apenas viu sombras durante a vida toda! No fundo, era bem possível que tudo ao seu redor não fosse real. Então, ele sente-se profundamente triste. Por outro lado, há tantas outras coisas incríveis! Às vezes, ele emocionava-se profundamente com uma música, uma palavra, ou uma

Fantasiando, magicamente ele formou uma imagem de pessoas com cabeça de Jano: quando o lado bonito aparecia na frente, o lado feio ficava para trás, coberto pelos cabelos – e vice-versa

árvore. O que seria isso? Ou será que a história de Platão trata somente da sombra psicológica, do lado obscuro da sombra?

Jung falou sobre isso. Ele disse que, durante a vida inteira, empurramos para o inconsciente a parte de nosso caráter que nos desagrada, e deixamos aparecer apenas a parte que aceitamos. Mas a sombra está sempre presente, e, quando menos esperamos, topamos com ela. É por isso que somos levados a fazer coisas que não gostaríamos de ter feito. Projetamos em outros os mesmos defeitos que condenamos neles e não conseguimos ver em nós mesmos. Nesse sentido, o comportamento da garotinha assustada é totalmente compreensível.

Quanto à projeção, o viajante já descobriu muitas coisas. Ele também é capaz de reconhecer suas próprias projeções e percebê-las dentro de si mesmo. Ao fazer isso, ele dá-se conta de que o ser humano tem todos os recursos e possibilidades nas mãos. Essa descoberta foi, sem dúvida, muito boa. Ainda assim, ele pergunta-se, psicologicamente falando, se alguém poderia deixar de apresentar seu lado “sombra”. Não sabia a resposta, mas a pergunta permaneceu.

Ao longo do tempo, chegou à conclusão de que, fizesse o que fizesse, o ser humano sempre estaria projetando sua sombra. Fantasiando, magicamente ele formou uma imagem de pessoas com cabeça de Jano: quando o lado bonito aparecia na frente, o lado feio ficava para trás, coberto pelos cabelos – e vice-versa. Pensou: “É então que descobrimos que temos

dois lados, e que as outras pessoas também têm – e isso resolve uma série de dificuldades. Mas nunca podemos trazer os dois lados para frente: afinal, eles são opostos!”

Como sempre, era um assunto muito complicado. Então, ele volta à sua primeira história sobre a sombra, sobre a menina que tentou ficar mais plana que uma folha de papel quando pisou no Equador, mas descobriu que isso não funcionava. A menina compreenderia que, mesmo se assimilasse a própria sombra em si mesma, não ficaria branca, e sim cinzenta, pois ela ainda permaneceria no ser.

O viajante decide que após todo o esforço da menina, ela merecia uma recompensa, pois descobrira que somente a própria luz não possui sombra. E que a única maneira de não ter nenhuma sombra é tornar-se transparente: um completo “não ser”.

Mas seria isso possível? Seria esse homem transparente parecido com a luz? Ele olharia para a terra e veria somente luz – a projeção de sua própria luz! Seu olhar transparente enxergaria através de tudo, uma vez que a luz pode penetrar em qualquer lugar, se ele não atrapalhar, colocando-se no meio do caminho. Então, o porquê da existência torna-se claro para ele! Nem mesmo a coisa mais ínfima poderia ser chamada de feia. Finalmente ele poderia enxergar o plano, com meninhas, árvores, música e sombra. E sua felicidade semearia pequenas centelhas de luz sobre tudo o que seus olhos contemplassem ✨

meu nome é fóton

Eu sei como você se chama. Mas será que você me conhece? Quando se fala de luz, é necessário conhecer-me – afinal, essa é a minha especialidade. Posso apresentar-me? Meu nome é Fóton. Às vezes também sou chamado de “partícula de luz”. Quando elétrons movem-se de uma órbita para outra em torno do átomo, fótons com energias correspondentes a essas transições são emitidos.

Com as palavras acima, descrevi perfeitamente nosso objetivo: fazer que os elétrons circulem de maneira ordenada em torno do núcleo atômico. Sim, somos nós que mantemos a ordem dentro da casa atômica. Nós, os fótons, somos, juntamente com os elétrons, as partículas elementares mais importantes do universo.

Sem fótons não haveria universo, mundo, humanidade, nem átomos.

Quase me esqueci de mencionar meu sobrenome: Força Eletromagnética. Mas provavelmente você já tinha percebido isso.

Nossa família é uma das quatro famílias de forças que tornam a existência do mundo possível. No interior do núcleo atômico existem duas forças ativas: a força nuclear fraca e a força nuclear forte. Fora dele, existem a força eletromagnética e a gravitacional.

É com orgulho que posso dizer que minha família é de longe a mais importante. No seu livro *O que Darwin não era capaz de saber*, Gerrit Teule descreve muito bem nosso trabalho. Ele compara a cooperação das quatro forças com a encenação de uma peça de teatro. As duas forças nucleares formam os cenários. São um elemento importante, mas passivo. O chão do palco corresponde à força gravitacional, que possibilita a atuação. E, no palco, é a força eletromagnética que demonstra todo o seu talento. Você pode comparar-nos a carteiros que distribuem pequenos pacotes de energia (informação) bem mais rápido do que um carteiro normalmente



Don Relyea, *Paisagens urbanas com escadas e helipontos II*

faz. Nós, fótons, andamos com uma velocidade de 300.000 km/s pelo universo. Levando-se em conta as distâncias enormes no universo, às vezes ficamos muito tempo viajando. O telescópio Hubble mostra galáxias cuja luz viajou muitos anos-luz. Seria como transmitir a vocês votos de Feliz Ano Novo vindos dos faraós egípcios. Somos mais conhecidos como luz. Com “luz” quero dizer não apenas a luz visível do vermelho ao azul – que é apenas uma pequena

SOU MAIS CONHECIDO COMO LUZ



Arte abstrata geométrica, 2005

parcela do total. A luz pode ser comparada a uma escala musical.

Existem sons acima e abaixo do limite da audição. A luz ultravioleta não é visível para as pessoas, mas não deixa de ser luz. Nota-se pela sua influência numa placa fotossensível. Sua frequência é mais alta do que a luz visível. Considerando-se valores ainda mais elevados, podemos falar de raios X e, no extremo do espectro, de raios gama.

Quando o valor da frequência diminui, passamos do azul para o vermelho, e depois para o infravermelho (radiação de calor). As ondas de TV e as de rádio possuem uma frequência ainda mais baixa. Isso tudo é nosso trabalho. Os olhos das pessoas são instrumentos maravilhosos. Quatro ou cinco de meus irmãos fótons que atingem os olhos são suficientes para ativar o nervo óptico, que envia uma mensagem ao cérebro. Se o olho humano fosse dez vezes mais sensível, todos po-

Um fóton virtual transfere energia enquanto oscila entre o campo de energia do ponto zero e o mundo material.



“Como faz parte de nosso destino ter somente um tempo limitado para desenvolver uma vida criativa e com significado, eu me pergunto se essa pesquisa (por que faço isso, de onde venho e para onde vou ou quero ir) não será, talvez, uma forma de arte...”

Arte em papel como paisagem surrealista, de Yoshio Ikezaki

deriam perceber a emissão luminosa de qualquer cor como pequenos lampejos de luz. Na nossa família também existem fótons virtuais. Eles oscilam entre o campo de energia do ponto zero e o mundo material. Eles colidem com as partículas subatômicas elementares e são absorvidos por elas. Com isso, elas aumentam sua energia. Fótons virtuais são chamados assim porque não permanecem em nosso mundo material. Apenas são usados para transferência de energia. Não são apenas os aparelhos eletrônicos que funcionam com base na força eletromagnética: todas as estruturas e os mecanismos do corpo também utilizam a mesma forma de energia para funcionar.

Assim, desempenhamos com os elétrons um papel crucial na cooperação entre espírito e corpo. Para nós é estranho ver que muitos médicos trabalham com instrumentos e aparelhos modernos baseados na força eletromagnética sem, no entanto, se darem conta de que o corpo humano funciona com base na mesma força!

Contudo, nossa existência nem sempre traz apenas benefícios para o homem. A força eletromagnética é um poder magnífico – desde que não seja utilizada de maneira abusiva por cientistas com finalidades puramente comerciais. Com isso estou querendo dizer: com o uso exagerado da radiação por pulsos na telecomunicação. No caso do GSM (Sistema Global para Comunicações Móveis), como esse tipo de radiação não existe normalmente na natureza, os pacotes energéticos enviados (informações)

chegam a atingir o corpo das pessoas como balas de metralhadora, alcançando até cem pulsos por segundo. O sistema imunológico trabalha como louco. Eu não posso fazer nada. Felizmente algumas pessoas previdentes estão começando a tocar o alarme: aqui e ali, já vemos que os campos eletromagnéticos são, de fato, os maiores poluidores.

No entanto, quase esqueço de mencionar o principal, que é a energia eletromagnética da Gnosis, a força-luz do reino original. Quando abrimos nosso ser a essa luz, ela entra no sistema microcômico, e suas radiações purificam nosso campo de respiração, eliminando tudo o que é ímpio e desarmonioso. E o modo como essa luz original e universal opera é semelhante aos fenômenos comuns – embora ela opere a partir de outra dimensão existencial.

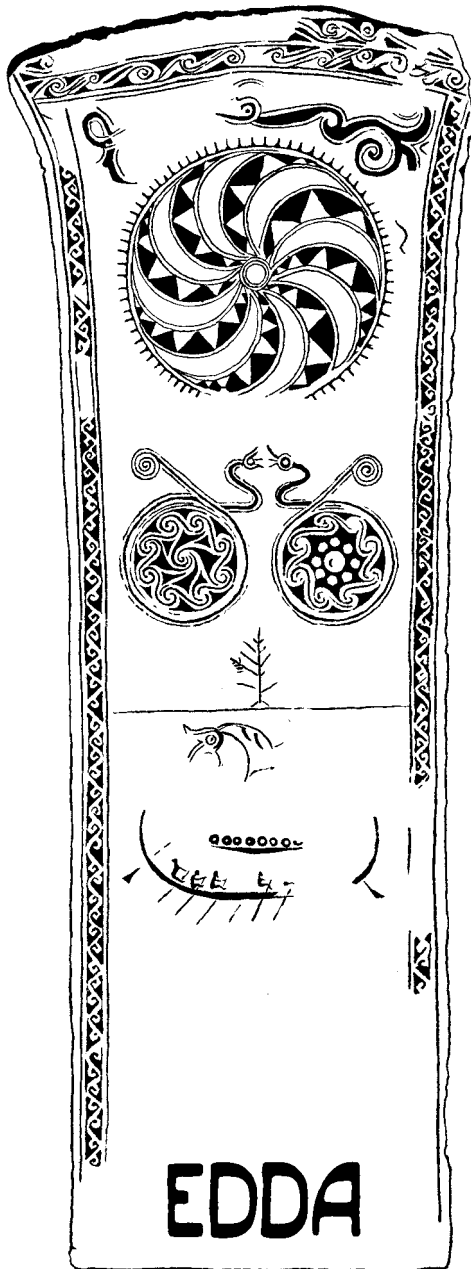
Essa influência espiritual da luz é uma graça incrível, mas continua sendo secreta, mesmo para os órgãos sensoriais mais sutis do homem. Somente os resultados são observáveis. Você pode experimentar isso por si mesmo. Foi bom falar com você. Abrir o coração. De fato, até o século passado, nós trabalhávamos no anonimato, porque ninguém sabia da nossa existência. Preciso concluir. Entreguei meu pacote de energia. O dever me chama. Meus irmãos já me olham como se me repreendessem 🌟

Fonte:

Teule, G. *Wat Darwin niet kon weten (O que Darwin não era capaz de saber)*. Deventer (Holanda): Ankh-Hermes, 2009.

Inúmeros mitos nos foram transmitidos pelas diversas civilizações do passado. Eles dão testemunho das concepções da antiga humanidade sobre o surgimento do mundo, a atividade das forças da natureza, os deuses e sobre nosso destino após a morte.

lokasenna —



Nesta série sobre a *Edda*, tentamos tornar acessível para a compreensão de hoje o significado dessas antiquíssimas ideias místicas. Este ponto é de grande importância, porque a *Edda* é uma epopeia em que são representados os mistérios do desenvolvimento do mundo de modo incomparável. Ela transmite o combate entre as forças espirituais e psicológicas, no qual a luz procura anular a escuridão da consciência humana. Também na última parte desta série, esse combate outra vez ressurgiu de maneira evidente.

No artigo anterior de nossa série sobre a *Edda*, vimos que a flecha cega de Hödur matou, dentro do homem, exatamente o aspecto que percebe a luz. O intelecto, Loki, apenas conhece “sim” ou “não” e é cego para a atmosfera especial de Balder, que é parte da esfera de vida primordial. Na *Lokasenna* (a discórdia de Loki), o semi-deus Loki – às vezes amigo, às vezes inimigo dos deuses – surge para destruir a alegria da festa. Loki é uma figura misteriosa de natureza dupla. Ele é um dos *æsir*, e com outros *æsir* sempre está combatendo os gigantes. Ele ordena que anões fabriquem objetos mágicos: o martelo Mjöltnir para Thor e o anel

a discórdia de loki

Draupnir para Odin. Mas, ao mesmo tempo, ele orgulha-se de ter assassinado Balder. Ele também é pai de seres infernais. Muitas vezes também é considerado como herói da cultura, aparentado com o grego Prometeu. O fogo que ele doa aos homens é um presente: se por um lado promove cultura e desenvolvimento (calor, luz, arte de cozinhar, tratamento metalúrgico...), por outro lado, os resultados sempre mostram que, na realidade, o ser humano não pode controlar essa cultura e sempre põe fim a ela com armas de fogo e outras técnicas de destruição.

Mas, embora as teorias comuns mostrem Loki como espírito de fogo, com todo o potencial para o bem e para o mal ligados ao fogo, pode ser que essa visão seja o resultado de uma confusão de ordem linguística com a palavra *logi*, “fogo”. É que, nesse sentido, existem poucas indicações no mito, em que sobretudo o papel de Loki é associado com Odin – seja como seu parceiro ou como seu gênio do mal.

Ström¹ identifica os dois deuses a tal ponto que chama Loki de “Hipóstase de Odin”: seria outra personificação do mesmo deus original. E Rübekil² sugere que, no início, os dois deuses eram idênticos (“Loki viria do céltico Lugus ou Lugh”). Portanto, seja nesta ou naquela teoria, a figura de Loki não seria uma criação posterior dos escaldos (poetas da corte) nórdicos. Na verdade, ela procede de um protótipo comum indo-europeu.

A morte de Balder rompe o equilíbrio entre

espírito e natureza. Desde então, a maldade e o materialismo conseguiram sobrepor-se em Midgard. A “era escura” começou. No Oriente, ela chama-se “Kali Yuga”. “Deus está morto”, assim afirmou o filósofo alemão Nietzsche. Os homens já não conseguem perceber em seu próprio interior a presença luminosa do ser divino. Como consequência disso, a Divindade também já não é acessível para eles no mundo exterior, na natureza. Sobrou a crença num Deus “distante”: paternalista, exterior, conversador e tradicionalista. Quando uma ordem mundial, ou uma civilização, perde de vista o fundamento luminoso do Espírito, ela se materializa cada vez mais com o passar do tempo. Então, o dragão Nidogue (sinônimo de inveja) consegue partir com os dentes as raízes da árvore do mundo, o freixo Iggdrasil. Iggdrasil estremece até as alturas de Asgard – o domicílio dos deuses. Esse é o sinal do encontro dos poderes do mundo em uma área de combate especial – Vigríð – que fica no interior de Midgard. É nesse lugar que acontece o combate final. Então, Loki consegue libertar-se de suas correntes. Apartado dos deuses, o intelecto alcança seu maior desenvolvimento: ele entra no palco do mundo com seus rebentos, o lobo Fenris e a serpente Midgard. O lobo Fenris foi gerado por Loki com uma gigante. Ele cresceu até atingir tal poder que ninguém pôde resistir. Só mesmo utilizando astúcia e uma fita mágica, os deuses conseguiram acorrentá-lo numa rocha. Mas, nos dias finais, ele liberta-se. Então, o pensamento materialista alcança seu ponto culminante.

O visco. O visco recebeu seu nome da palavra "mistil", do alemão arcaico, que significa "esterco", porque suas sementes são levadas pelos excrementos dos pássaros até os galhos mais altos das árvores. Ele é um semiparasita, pois na verdade precisa de um hospedeiro, embora não lhe seja prejudicial. Na linguagem popular, ele é chamado de "erva mágica". Quando utilizado na dosagem certa, ele é uma erva medicinal que fortalece o coração e combate tumores. Galhos novos da fase florescente, secos e triturados, podem ser usados para fortalecer o sistema imunológico. Em dosagem excessiva, ele pode até paralisar o coração. Desse modo, ele é, ao mesmo tempo, remédio e veneno. Como não tem raízes próprias, o visco não sofre influência das estações. Por ser aéreo, vive somente de luz, ar e água, e foi muito venerado como planta sagrada. Para nossos antepassados, ele simbolizou a vitória da vida sobre a morte. Explica-se: no inverno, bem acima das árvores sem folhas, as flores e sementes sempre verdes do

visco ficam visíveis. Para os celtas e os druidas, o carvalho foi tido como árvore sagrada. Era nos carvalhos que eles colhiam o visco sagrado.

Um pouco dessa magia do visco se guardou até hoje: nas tradições anglo-saxônicas, durante o período de Natal, as pessoas dependuram ramos de visco em cima das portas. Quando dois namorados se beijam em baixo dele, significa que serão felizes no futuro.

No mito, ninguém pensou que os jovens e delicados ramos do visco pudessem trazer desgraça. Eles pareciam inocentes demais para levantar suspeitas. Mas foi exatamente um ramo dessa planta que contribuiu para a morte de Balder. Isso pode demonstrar que nada é tão puro que não possa ser usado de maneira abusiva. A facilidade e a rapidez com que o pensamento inferior pode paralisar ou mesmo matar a luz divina no coração é impressionante! As forças do ego-centrismo astuto (Loki) querem sempre destruir o jovem princípio espiritual dentro de nós.

Loki também gerou, com uma gigante, a serpente Midgard. Os deuses a lançaram nas profundezas do mar. Lá, ela cresceu e chegou a tal tamanho que está deitada no mar que fica ao redor de todas as terras, mordendo a própria cauda. Ela também sai das sombras para combater os deuses, nos dias finais. Com ela, as marés inundam as costas. Os gigantes do gelo vêm de Riesenheim (terra dos gigantes). Surtur, o gigante negro do fogo, atíça o incêndio do mundo com sua espada flamejante. Os æsir atravessam a cavalo Bifröst, a ponte do arco-íris, e com os vanir e os einherjar (guerreiros mortos em combate), fazem frente às forças desencadeadas pela natureza. O lobo Fenris escancara a boca tão amplamente que o maxilar superior toca o céu, e o inferior, a terra. Quando Odin se aproxima dele, ele o engole com capacidade, lança e armadura – todos de ouro.

Vidar, um dos deuses mais fortes e filho de Odin, coloca o pé no maxilar inferior do lobo, agarra com a mão o maxilar superior e

rasga-lhe a mandíbula. Assim, o lobo morre. O deus Thor consegue matar a serpente Midgard, mas é vitimado pelo veneno que o verme cospe sobre ele.

Heimdall, "o iluminador do mundo", luta com Loki, e um mata o outro. Surtur lança fogo sobre a terra e queima o mundo inteiro. O freixo do mundo – Iggdrasil – também pega fogo, mas não é destruído totalmente.

Deus está morto. A presença espiritual divina apagou-se no interior do ser humano. Mas também o pensar egocêntrico entra em crise definitiva e é colocado no pelourinho: No mundo inteiro, o movimento "Occupy" é um sinal marcante do novo tempo, em que os "poderes do mundo" (bancos, políticos, diretores econômicos) precisam encontrar novas saídas, mais humanas, para servir a toda a sociedade.

O outrora os deuses formaram a natureza. Depois o homem começou a pôr em movimento as forças gigantes e a colocar-se a seu serviço. O que os deuses criaram tinha vida. O que o homem

A saudade de uma “Era de Ouro” sempre ficou guardada como semente dentro do coração do homem

evocou da natureza foi morte, e assim propagou a morte. Depois de determinado ponto crítico, essa morte que se propaga faz soar o fim dos tempos.

Os versículos 57 e 58 dizem:

O sol escurece, a terra afunda no mar.

As estrelas brilhantes precipitam-se do céu.

Crescem o vapor e as chamas alimentadoras da vida, e um calor enorme sobe até o céu.

Garm uiva alto diante dos portais de Hela:

As correntes se romperão, e o lobo correrá.

Muito sei, e longe vejo no futuro

O duro destino dos deuses poderosos.

A palavra “Garm” é uma expressão que aponta para o lobo Fenris.

Vidar, “o regente ao longe”, é o deus que age em segundo plano. Ele simboliza o esplendor daquilo que Cristo faria para o desenvolvimento da humanidade.

A *Edda* é uma epopeia que interpreta o desenvolvimento do mundo de um modo incomparável, numa forma que nos deixa sem palavras ainda no século 21. Nesta série sobre a *Edda*, tentamos tornar acessível para nossa faculdade atual de entendimento o poder explicativo dessas ideias de mitos antiquíssimos. A narrativa mostra a verdade universal representada de diversas maneiras, de acordo com a capacidade de imaginação dos ouvintes de outrora. A saudade de uma “Era de Ouro” sempre ficou guardada como semente dentro do coração do homem, e cada época se referiu a ela com suas

próprias imagens e expressões. A obstinação fratricida de Seth e Osíris, o desejo de Prometeu pelo fogo do Olimpo e a complexa estrutura da história da *Edda* – tudo isso representa o combate entre as forças espirituais e psicológicas, quando a luz tenta eliminar a escuridão da consciência humana.

Depois dos dias de Jesus, que trouxe o Cristo, essa luta foi totalmente transferida para o interior do homem. Os novos tempos têm o dever de conquistar a atmosfera de luz de Balder – vida e primavera para a humanidade – por meio de autodesenvolvimento e autoentrega a essas forças de consciência ✪



1. Ström, Å.V.; Biezais, H. (Eds.): *Germanische und baltische Religion* (Religião germânica e báltica). Stuttgart: Kohlhammer, 1975.

2. Rübekiel, L. *Völker und Stammesnamen* (Povos e nomes étnicos).

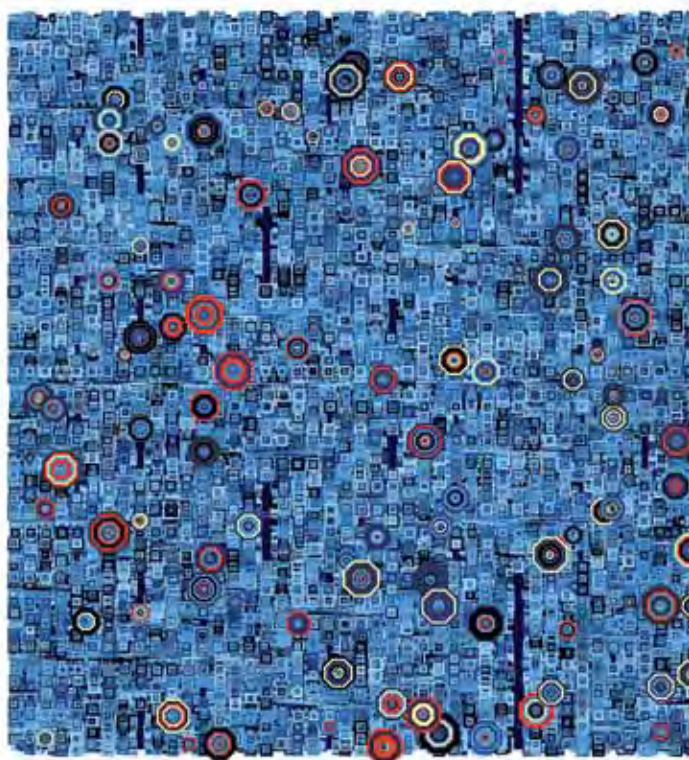
In: Beck, H.; Geuenich, D.; Steuer, H. (Eds.). *Reallexikon der germanischen Altertumskunde* (Enciclopédia de arqueologia germânica). 2. ed. Berlim/Nova Iorque: De Gruyter, 2006. v. 32.

somos seres de luz ou seres fictícios?

Em tudo se manifesta o princípio vital de um organismo único. A matéria é a manifestação da vida, mas não vive por si mesma. Ela é formada por ondas de luz, átomos, que transmitem as ideias do universo e, por fim, as da Divindade, mas que não têm em si vida real: são apenas aparências, sonhos, projeções. Quem somos nós? O que somos nós? Para essas questões cada um deve encontrar a resposta dentro de si mesmo.

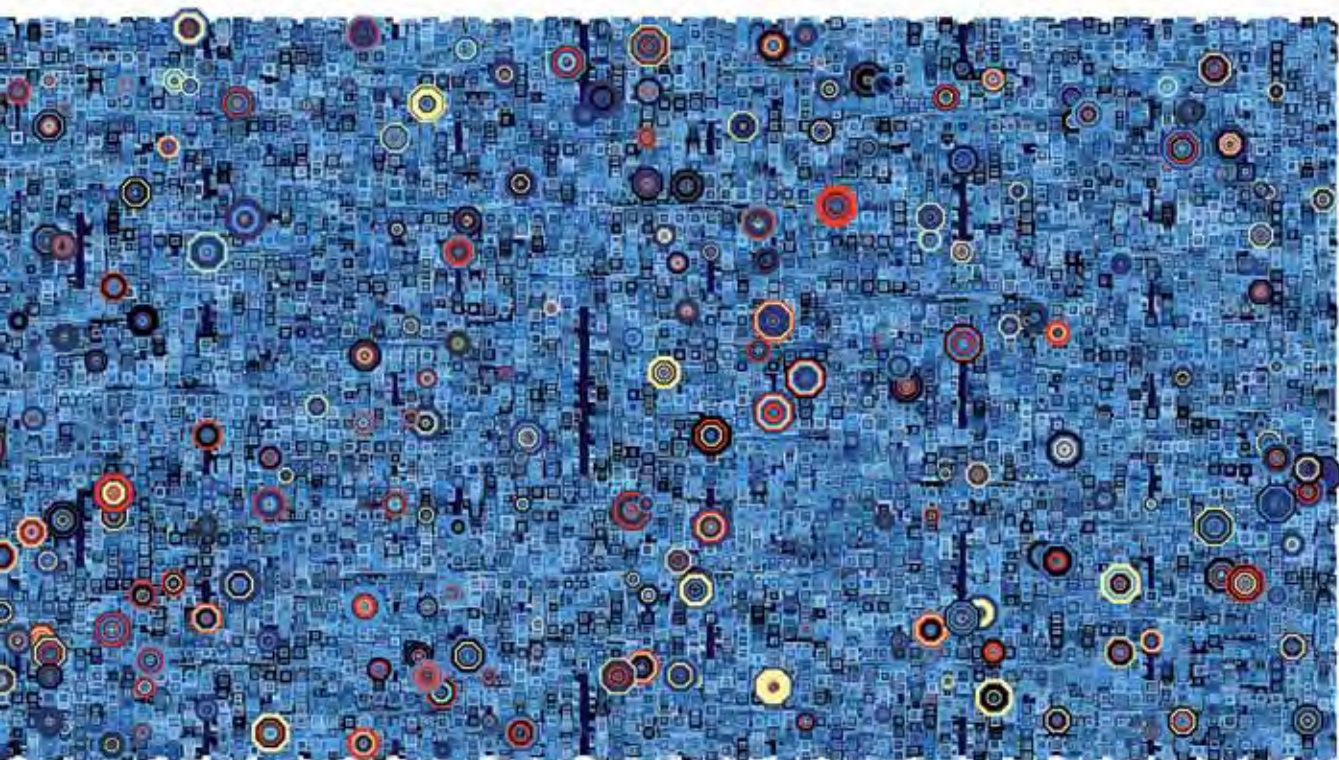
“A verdadeira luz, a luz cósmica, imutável, é a fonte de tudo que existe. É a realidade suprema. Essa luz é invisível, imperceptível aos nossos sentidos. Ela apenas pode ser conhecida a partir do interior, desse ponto central único e imutável.” (Walter Russell)

Como e de qual ponto de vista julgamos o que é realidade? Não é verdade que tudo começa dentro de nosso ser interior, no pequeno mundo do microcosmo? Dentro do microcosmo se encontra nosso corpo, com seus órgãos sensoriais, sentimentos e pensamentos – sempre em movimento como numa reação em cadeia ou num turbilhão. Isso é o que nós denominamos “homem”. Quando entramos na quietude, experimentamos que, ao lado de tudo isso, ou em segundo plano, encontra-se alguém silencioso ou algo invisível que percebe tudo. É algo como uma chama serena que denominamos *consciência*, e que possibilita que tudo exista. Mesmo que tudo mude, a consciência permanece. Podemos comparar essa chama a uma tela ou a um pano de fundo, sobre o qual são projetadas imagens multidimensionais, como num holograma. A característica de uma figura tridimensional ou holograma é que uma imagem espacial (3D) tem uma superfície plana. Embora olhemos para um lugar específico, plano, vemos uma imagem espacial criada por laser. A luz do laser é projetada numa placa sensível. A seguir, a placa é tratada como uma fotografia. Quando olhamos para a fotografia, vemos o holograma. Cada parte da imagem



contém em si a imagem do todo. Após a descoberta dessa tecnologia, formou-se também uma analogia com nosso universo. Ou seja: nosso universo pode ser comparado a um holograma.

Tudo se projeta dentro dele: flocos de neve e estrelas... Mas também a representação de outra realidade sublime além do espaço-tempo. Essa descoberta científica faz pensar que, na verdade, o mundo não é como o homem



Don Relyea, Paisagens urbanas com escadas e helipontos IV. Arte abstrata geométrica, 2005

imaginava. Não se trata de um aglomerado de coisas e fenômenos separados uns dos outros, mas sim de uma projeção da luz da consciência universal. Reforçamos mais este fato importante: todas as partes dessa realidade estão interligadas, e cada uma traz em si uma representação dessa realidade, conforme o princípio hermético “assim como é em cima, assim é embaixo”. Em outras palavras: em tudo se manifesta o princípio vital de um

organismo único. A matéria é a manifestação da vida, mas não existe por si mesma, seja qual for a forma: árvore, ser humano ou sol. A matéria é formada por ondas de luz que transmitem as ideias do universo e, por fim, da Divindade. Mas elas não têm vida real; são apenas aparências, sonhos, projeções. Olhando por esse ângulo, podemos também compreender por que sempre surgem teorias muito complicadas, embora incompletas, e muitas

vezes contraditórias, que tentam explicar nosso mundo. É como explorar sombras. E quem explora essas sombras? As próprias sombras? Quem somos nós? O que somos nós? Para essas perguntas, cada um deve encontrar a resposta dentro de si mesmo. Existem uma vida verdadeira e uma luz universal. Não a luz que percorre 300.000 km/s, mas uma luz que se movimenta numa velocidade imensurável. É uma luz que não precisa viajar para nenhum lugar: ela é onipresente. Frequentemente chamada de “luz das luzes”, ela tem uma existência imaterial. Ela é o fundamento autêntico e vivente do todo: tanto de nós mesmos quanto de todo o universo.

O objetivo do homem é descobrir essa luz na base de seu ser, pois somente então sua essência poderá manifestar-se conscientemente dentro dele. O mundo – a realidade que percebemos – sempre depende da posição de quem observa e da consciência do observador. Os sentidos são apenas ferramentas secundárias.

Para obter uma imagem indiscutível e clara da verdade, precisamos primeiro encontrar um ponto de observação estável e fixo.

É como tirar fotos com uma câmera fotográfica em movimento: as fotos saem imprecisas, embora possamos distinguir bem a imagem. Esse ponto fixo está escondido dentro de nós. Ele é, ao mesmo tempo, nossa verdadeira essência e o ponto central comum a tudo o que existe. Mas onde encontrar esse ponto central, essa essência?

C.G. Jung, o psiquiatra suíço, falou uma vez: “Quem olha para o exterior sonha; quem vê o interior desperta”.

O despertar leva à verdade: os dois estão interligados. Mas, para despertar, o homem deve aspirar à verdade! Ele deve possuir não somente o desejo pela iluminação de sua percepção, mas também a vontade de oferecer tudo a essa luz. Talvez gradualmente, mas completamente!

O processo nasce de uma percepção instantânea do coração. Mas prossegue, dia após dia, momento a momento, com base na escuta do que está nas profundezas de nosso ser e vibra em concordância com a alma. É assim que, passo a passo, nos aproximamos da fonte, da essência de nosso ser. Isso acontece pouco a pouco, graças à contemplação interior e ao caminhar incondicional para a luz primordial na vereda da verdade. A flama da consciência, que brilha em nosso microcosmo, vai ganhando força, enquanto as nossas preocupações e nossos medos vão diminuindo até finalmente desaparecer. Nossas limitações e falsas maneiras de perceber o mundo desaparecerão, enquanto que a concepção do grande Todo surgirá em seu lugar. Certamente, isso não acontecerá sem sofrimento e dor. Esse processo caracteriza-se por uma contemplação do interior e por seguir, sem reservas, a senda para a luz e a verdade originais do próprio ser. Isso significa uma vida consciente e distingue perfeitamente o ser fictício do ser de luz ✪

a luz do olho

O olho é um órgão de luz. Ele ajuda-nos a tomar conhecimento das dimensões que se tornam visíveis por meio da luz. Afinal, o olho não apenas acolhe a luz: ele também irradia luz e força – uma força capaz de muita coisa. Quem somos e o que somos torna-se visível por meio da radiação do olho, porque o olho é o espelho da alma.

O olho não consegue ver a si mesmo: ele necessita de um espelho. O espelho de Deus – para ver a si mesmo – é o homem. “O homem é o olho do mundo, o mundo é o reflexo de Deus, e Deus mesmo é a luz do olho. O homem é o olho que olha no espelho, e, assim como o espelho reflete o rosto do homem que para ele olha, do mesmo modo o reflexo de seu olho olha para o olho. Deus, que é o olho do homem, percebe a si mesmo por meio do homem. Isso é algo extraordinariamente sutil. Considerado sob determinado ponto de vista, Deus é o olho do homem, e, sob outro ponto de vista, o homem é o olho do mundo, pois o mundo e o homem são um. Esse homem que é o olho do mundo é denominado homem perfeito. Uma vez que o homem representa a totalidade de tudo o que existe, ele é um mundo em si. A mesma conexão que há entre Deus e homem existe entre homem e mundo.”
(Xeique Mohamed Lahiji)

Quando nos olhamos nos olhos, no espelho, parece que o olho está sempre voltado para alguma coisa. Poderia surgir a pergunta: o que olha para quê, e o que vê o quê? A denominação egípcia “Rá” significa luz ou sol. Rá é o sol invisível por detrás do sol, a força primordial criadora que mantém encerrada em si todos os princípios ou efeitos da criação. O sol que percebemos é o olho de Rá, e não o próprio Rá. No Egito antigo observamos que o símbolo do olho é retrata-

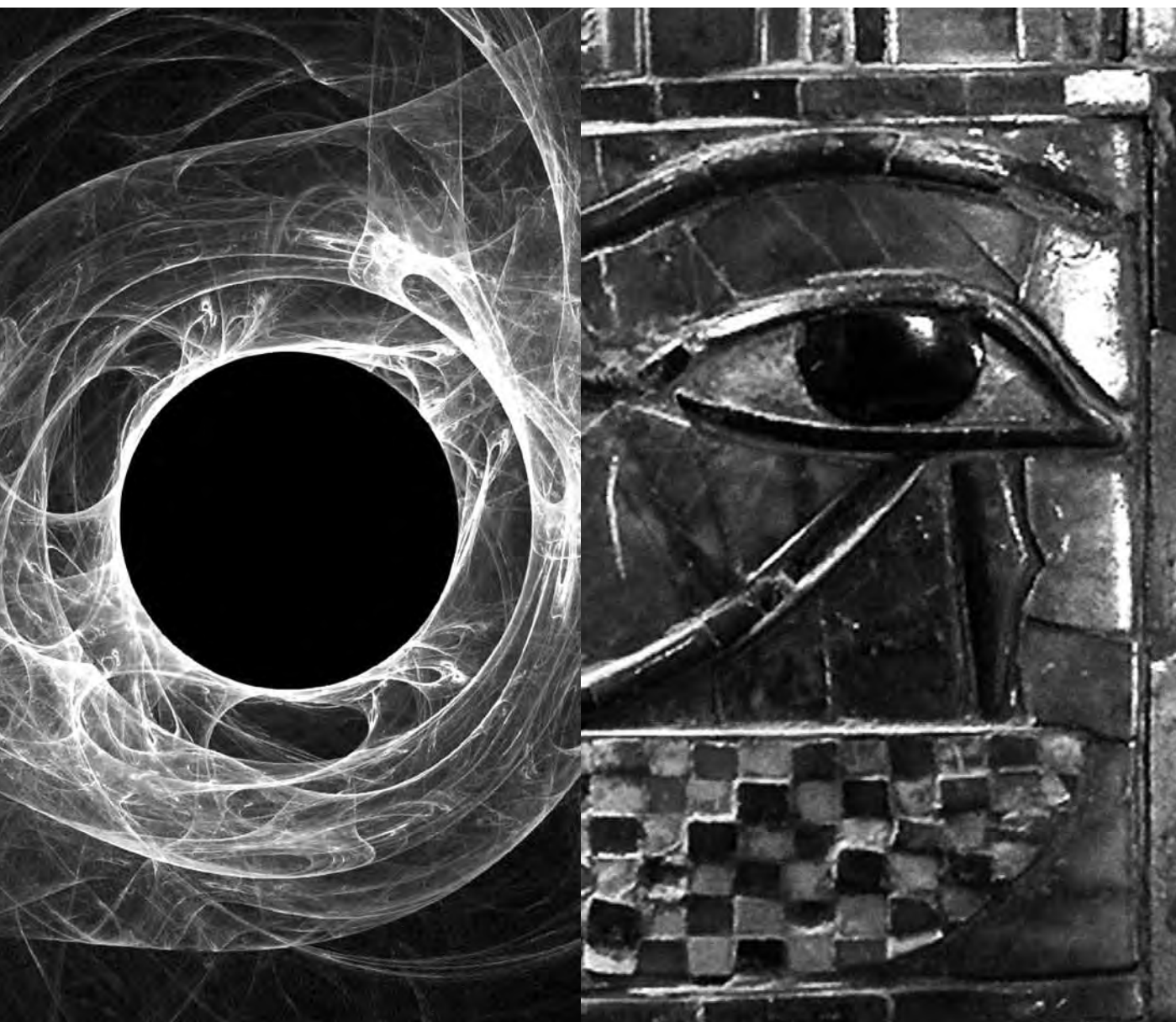
do com frequência. O olho direito do homem é visto como o olho de Rá, o olho do sol. O olho esquerdo é visto como o olho da lua. Os dois olhos juntos são os olhos de Hórus, o Velho, e correspondem à faculdade espiritual do homem.

O olho é um órgão de luz, isto é, um recurso. Ele nos ajuda a tomar conhecimento das dimensões visíveis por meio da luz, e, por isso, não é, por si mesmo, um órgão da consciência. Olhamos enquanto acreditamos estar vendo.

Os olhos estão em estreito intercâmbio com os órgãos da consciência. O olho direito tem relação com a pineal e a região cerebral que corresponde a ela. O olho esquerdo corresponde à racionalidade, que tem seu centro em outra região cerebral.

O centro da pineal é extremamente receptivo à “luz solar” gnóstica. O olho direito, porém, só percebe essa luz gnóstica quando os instintos dominantes do eu passam para segundo plano. Até esse momento ele só pode servir como subalterno do olho esquerdo, que é estreitamente ligado à sóbria razão causal. Poderíamos dizer que, de acordo com sua verdadeira essência, o olho direito ainda permanece cego. Quem ainda não foi inflamado pela luz divina, a bem dizer, é caolho e, por isso, está direcionado unilateralmente para a existência no espaço-tempo. A verdadeira visão espiritual começa a existir quando a pineal consegue receber e, então, distinguir as radiações solares de Rá – a corrente de luz gnóstica.

O “não ser” do olho é o espelho límpido no qual Deus vê a si mesmo.



*“Eu sou a luz do olho,
O espírito que habita
a profundidade insondável.”*

(Baghavad Gita)

*“O Um glorioso disse: quando amo um servidor, sou o senhor,
seu ouvido, de modo que ele ouve por meio de mim. Sou seu
olho para que ele me veja. Sou sua língua para que ele fale por
mim. Sou sua mão para que ele me segure.”*

(Dhu'l Nun, 796-856, místico sufi do Egito que divulgou a corrente secreta da Gnosis no Islã)

Por meio de nossos olhos, atraímos éteres de condição vibratória que corresponde a nossa própria consciência. O olho não recebe apenas luz – ele também irradia luz e força, uma força capaz de muita coisa. Quem somos e o que somos torna-se visível por meio da radiação de nossos olhos. O olho é o espelho da alma. Assim, nesse espelho, pode-se ler nosso estado de consciência. O olho pode nutrir-nos. Mas, voltado para o exterior, ele também pode estimular, inflamar e criar. Nesse sentido, ele é extremamente mágico. Existe também a expressão: “invejar a luz no olho do próximo”.

A luz do olho, a luz de nossa atenção, é determinada pela luz de nossa consciência. É dessa força de luz que nós haurimos. No entanto, a imagem do mundo que nós mesmos

criamos, que projetamos, significa, ao mesmo tempo, o limite de nossa percepção. Olhamos para algo até que enxerguemos o que acreditamos ver.

Com a luz de nossos olhos, vemos apenas o que nós próprios somos. Portanto, a radiação de nossos olhos forma um círculo de consciência fechado em torno de nós: é o nosso campo de visão. Quando uma luz mais elevada consegue penetrar nesse círculo fechado de consciência, produz-se no homem a inteligência para uma realidade mais elevada. A força-luz que dá testemunho da força central em nosso ser-eu e só vê a si mesma é inspirada por essa luz superior para retroceder enquanto luz central dirigente. Assim, o olho torna-se sereno e puro. O círculo satânico da fixação hipnótica no próprio estado de consciência é rompido. O “não ser” do olho é o espelho límpido no qual Deus vê a si mesmo. Quando essa nova luz é inflamada em nós, um novo mundo desabrocha diante dos olhos.

O que o olho interior vê? Quem vê com o olho interior? É o Homem-Hórus perfeito, divino, a quem os egípcios chamavam “o filho”, que vê dentro de nós o próprio mundo divino. E dele somos o testemunho silencioso e iluminado. Nesse silêncio, o olho pode irradiar a força-luz transformada ✨

O jardim secreto das rosas, do sufi Mahmud Shabistari (1288–1340), poema do qual apresentamos alguns versos, é considerado uma das obras mais inspiradas da lírica persa. Em sua beleza e simplicidade, esses versos dão testemunho da luz.
“Ó luz de Deus, ó infinidade sem sombra!”

o um

O nome

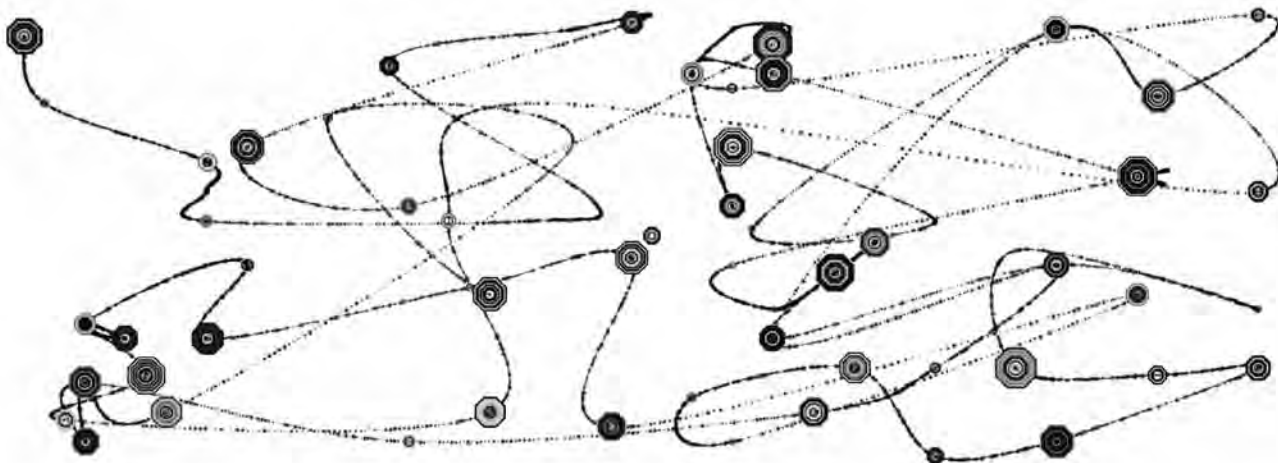
Todas as criaturas surgiram a partir do nome do Um. É nele que têm sua origem e é para ele que haverão de retornar, com infindáveis louvores.

O hóspede amado

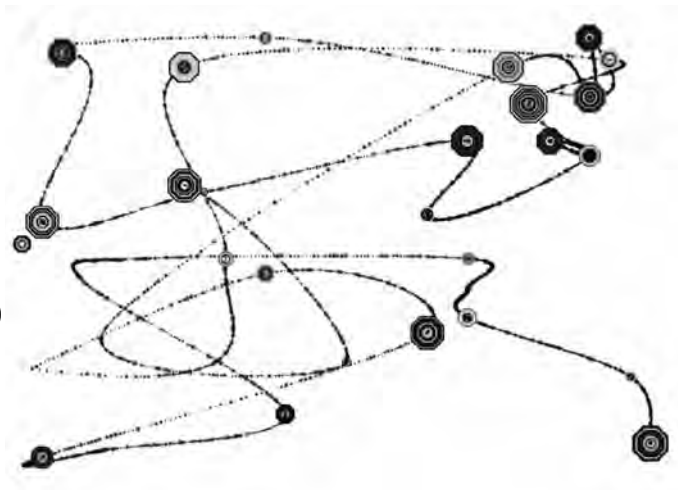
Lança fora toda a tua existência. Ela não passa de podridão e erva daninha. Esvazia a câmara de teu coração e prepara-a para ser a morada do bem-amado. Quando já não estiveres lá, ele entrará e te revelará sua beleza – a ti, que te despojaste de teu ser.

O sem sombra

Na estreita senda da verdade, lá está ele, em pé, bem no meio. Ele não projeta uma sombra sequer à sua frente ou atrás de si, nem à sua esquerda nem à sua direita. Sua oração dirige-se tanto para o leste quanto para o oeste, derramando-se em um mar de luz divina.
Salve! Ó luz de Deus, ó infinidade sem sombra!



a manifestação da luz



A luz

A luz, uma vez manifestada, comanda todas as alegrias do coração, ora como um trovador, ora como quem serve vinho.

Que menestrel é esse que, ao tocar apenas um acorde de sua doce melodia é capaz de entusiasmar e conquistar o coração de centenas de ouvintes devotados?

Que taberneiro é esse que acerta em cheio e nos deixa inebriados com uma só taça?

Quando a noite cai, ele entra na mesquita e não abandona ninguém que ali esteja de vigília. À noite, quando chega ao mosteiro, transforma a narração do sufi em história fabulosa. Se entra na sala de aula disfarçado de beberrão, deixa o professor confuso e em apuros. Os que o adoram tornam-se loucos de amor por ele e têm de abandonar o lar. Ele deixa que um se transforme em verdadeiro fiel e outro em incrédulo, devastando seu mundo.

Tavernas foram glorificadas por seus lábios, e mesquitas cintilam mediante seu semblante. Nele encontrei tudo o que desejava: a salvação final do ser.

Meu coração nada sabia sobre ele, pois a luz estava oculta atrás de centenas de véus de vaidade, arrogância e ilusões dos sentidos.

A visita

Um dia, ao alvorecer, a pura imagem de Deus entrou pela minha porta e despertou-me do indolente sono da ignorância.

Seu semblante iluminou a câmara secreta de minha alma, e sua existência foi-me revelada por sua luz verdadeira.

Soltei um suspiro de alívio ao contemplar sua face pura.

Ele me disse: “Durante toda a tua vida perseguiste fama e honra. Essa busca pelo ser, porém, é pura quimera e te mantém longe de mim”.

E acrescentou: “Quando me olhas frente a frente por apenas um momento, isso é mais valioso do que mil anos de devoção”.

Sim, o semblante do bem-amado, esse ornamento do mundo e da humanidade, apareceu-me sem véus, e minha alma ensombreceu-se de vergonha à lembrança de minha vida perdida e de meus dias desperdiçados.

Extraído de: *O jardim secreto das rosas*, de Mahmud Shabistari



transpondo fronteiras

Algumas observações sobre “(R)evolução 2012”

As inúmeras reações à resenha do livro *(R)evolução 2012 – Por que a humanidade está diante de um salto evolutivo*, Berlin: Scorpio, 2009, motivaram a redação a tecer alguns comentários.

Embora o autor do livro, Dieter Broers, dê a impressão de haver feito uma análise profunda de acontecimentos que eventualmente ocorrerão no futuro, culminando – segundo ele – em 2012, recomenda-se certa cautela na leitura e na reflexão sobre o assunto. O autor afasta-se bastante do que está em consonância com os fatos científicos, demonstrando, assim, uma fértil imaginação literária.

O conteúdo do livro é especulativo, em sua maior parte, e muitos aspectos tratados não são fundamentados ou confirmados pela ciência em seu estágio atual, ao contrário do que diz o autor. Não obstante, certamente há impulsos e radiações que interpenetram nosso planeta, afetam profundamente a vida humana e incitam a humanidade a submeter sua concepção de vida e sua atitude de vida a uma séria reorientação. E são muitos os que afirmam que disso depende a subsistência do planeta e da humanidade. Melhor ainda seria, contudo, se o ser humano reencontrasse sua base de vida di-

vina e considerasse o próximo como igual a si mesmo. Fundamentados sobre essa base, tanto microcosmo, como cosmo e macrocosmo estão interligados, formando um todo vivente. Assim, fica claro que o fundamento divino para o desenvolvimento é sempre o mesmo, tanto em cima como em baixo, tanto no interior como no exterior, “tanto no céu como na terra”. Esse fundamento chama-se vida: do protoplasma aos seres celestes, do planeta à Via Láctea e de universo a universo. É com alegria que observamos os cientistas modernos ultrapassar cada vez mais suas próprias fronteiras, penetrando de modo empírico em áreas que não podem ou mal podem ser explicáveis empiricamente.

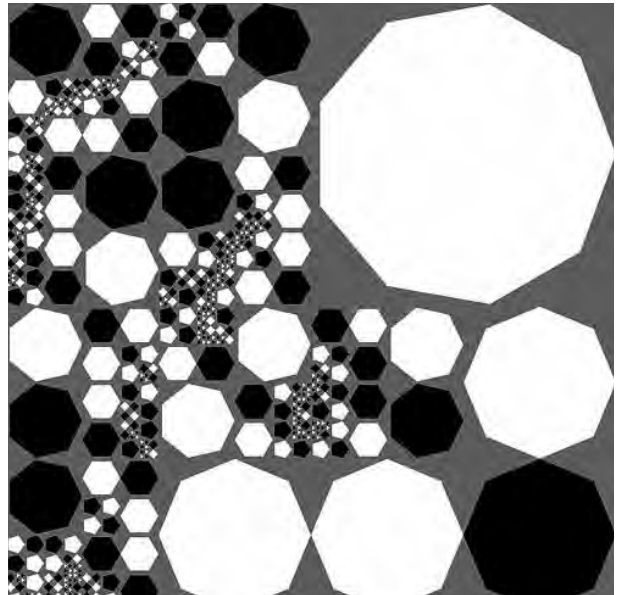
A redação é de opinião que é viável um salto de consciência por meio do qual a humanidade poderá harmonizar-se melhor com uma revolução espiritual – e, por meio dos artigos da revista **Pentagrama**, deseja apoiar essa mudança que vem despontando faz décadas. No entanto, ao mesmo tempo, será ativado o polo oposto dessa transformação. Em nossa opinião, as pessoas devem aproximar-se com discernimento do conteúdo desse livro, no qual o autor trata dos mais diversos acontecimentos ✨

O LIVRO MARAVILHOSO

Nós, que procuramos os sinais dos segredos ocultos, sabemos que em todo o universo reinam sistema e ordem, que o universo se desdobra de eternidade em eternidade, segundo leis imperecíveis. Nós, que rasgamos pouco a pouco os véus que nos separam do inefável, descobrimos o plano por trás de toda realização. Nós, que examinamos as relações entre macrocosmo e microcosmo, vemos o grandioso equilíbrio universal entre todas as coisas. Nós, que escalamos os degraus estreitos da escada de Mercúrio, a fim de elevar-nos, conscientemente, aos mundos invisíveis, vemos as correntes de vida dos reinos da natureza ondular no éter.

Nós, que nos aproximamos do grande silêncio, ouvimos a voz do silêncio. Nós, alunos da Escola Espiritual moderna, que entramos no templo do Espírito, compreendemos a glória do pensamento abstrato. Nós, servidores do fogo, sondamos profundamente as fontes da capacidade humana. Nós sabemos a que o homem é chamado desde o princípio. Nós, colhedores de rosas no jardim de Fohat, vemos, como em um arrebatamento dos sentidos, a senda do desenvolvimento precipitar-se, de horizonte a horizonte, como um relâmpago.

Nós, que aumentamos assim nossa ciência, ampliamos nosso horizonte, expandimos nossa consciência, carregamos nossas forças com energia dinâmi-



ca, vamos da surpresa à admiração e do assombro profundo à adoração balbuciante, à humildade, à religião. Nós, de quem disseram que consideramos a razão fria como o mais elevado, sabemos que nosso saber culmina em convicção profundamente religiosa.

Nós nos curvamos diante da majestade de Deus, porque, após investigação profunda, a intervenção de Deus se comprova em todos os reinos; porque experimentamos a força que impulsiona todas as coisas, a força sublime que impele nosso planeta através do espaço, a Luz do Mundo: Cristo.

Bibliografia:

Rijckenborgh, J. van. *O Confessio da Fraternidade da Rosacruz*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987, cap. 6



uma visão diferente e mais profunda

QUAL É A VERDADEIRA NATUREZA DA LUZ?

Para Einstein, a luz era o milagre maior. No entanto, quando em seus cálculos usou a velocidade da luz de certa maneira, ele a limitou. Graças a esse cálculo, o conceito “luz” foi ligado definitivamente ao conceito “tempo”.

Uma experiência recente, feita no acelerador de partículas *CERN* – que aparentemente dava como resultado uma velocidade maior do que a da luz para alguns neutrinos – causou repercussão tão grande que deu o que pensar a muitas pessoas: afinal, se isso tivesse sido comprovado, as consequências virariam o mundo de cabeça para baixo ao invalidar a Teoria da Relatividade de Einstein. Seria como um terremoto que abalaria os fundamentos da Física. Bem, achar que o tempo e a velocidade da luz possam ser superados talvez seja um pensamento um tanto maluco. E assim teve início a competição para alcançar e superar essa velocidade – pois quem domina a luz também pode reinar sobre o tempo. Se existe algo que se movimenta mais rápido do que a luz, então o que é? Essa é pergunta que todos fazem agora. E principalmente: O que é a luz, exatamente?

Além do paradigma da ciência, não existiria uma visão diferente, muito mais antiga, do fenômeno da luz, que seja menos absoluta e

mais profunda e trate da natureza essencial da luz, ao invés de observar somente como ela se manifesta ou se expressa?

Encontramos um exemplo disso na sabedoria hermética, que nos fala da alma e de seus poderes ilimitados: “Ordena à tua alma que vá à Índia, e ela já estará lá”.

Mas qual é a verdadeira natureza da luz?

Em seu livro *Catching the light* (Capturando a luz), Arthur Zajonc escreve: “Com o decorrer do tempo, a ciência cortou os ornamentos do espírito e criou uma imagem matemática da luz material. Ao fazê-lo, criou, ao mesmo tempo, uma nova imagem do ser humano e do cosmo. Em outros tempos, luz significava ver a Deus”, escreve o autor. “Enquanto o olhar do deus-sol Rá abarcava o espaço, a luz espalhava-se de um canto a outro no universo. [...] Toda a criação material, portanto, consiste em luz condensada”. O arquiteto contemporâneo Louis Kahn declarou a uma jornalista da revista *Time*: “Pode-se dizer que, na verdade, nascemos da luz. Creio que foi a luz que criou toda a matéria. Matéria é luz gasta.” ✪

Bibliografia:

Zajonc, A. *Catching the Light: The Entwined History of Light and Mind* (Capturando a luz: a história emaranhada da luz e da mente). Nova Iorque: Oxford University Press, 1995

Mark Rothko, *Orange, Tan and Purple*, 1949

“As pessoas que às vezes choram, de tão tocadas ao verem minhas obras, têm, dessa forma, a mesma vivência religiosa que eu mesmo tive, ao pintá-las...”

arranje tempo: deixe entrar a luz

A vida, como a conhecemos, é impensável sem o sol, sem luz. Medimos o tempo pela posição do sol, mas não temos tempo de nos ocupar com a luz. Arranje tempo para escapar do tempo e assim deixar a luz entrar.

Desde que o mundo é mundo, o homem mede o tempo determinando a posição da terra em relação ao sol. Chamamos de “dia” o período em que a terra está voltada para o sol e “noite” o período em que ela não está voltada para ele. O percurso da terra em sua órbita em torno do sol nos traz as estações do ano e o passar dos anos. É a luz do sol que nos desperta pela manhã, e sentimo-nos convidados a fechar novamente os olhos depois que ele se põe. Um teste realizado com algumas pessoas procurou determinar quais os seus ritmos de acordar e dormir quando elas não têm informação se é dia ou noite. Esse assim chamado “relógio biológico” parece ter um ritmo de 24,5 a 28 horas. Como o sol normalmente nos mantém em um ritmo de 24 horas, a luz, por assim dizer, estimula a nossa natureza. Por isso, podemos dizer com razão que o homem é um “ser sensível à luz”. Diante do papel determinante que o sol desempenha nos processos vitais, isso naturalmente não é nenhuma surpresa. Sem sol, sem luz, a vida na forma como a conhecemos é impossível. O ponteiro solar das horas é implacável: é como se ele dissesse “eu apenas conto as horas alegres”, e por isso não admitisse sequer uma nuvenzinha diante do sol.

SEMPRE POR ÚLTIMO A expressão “tempo é luz” é válida, portanto, por fazer uma associação. No entanto, no atual momento de agitação da humanidade, esse axioma poético costuma ser substituído pelo prosaico “tempo é dinheiro”, ou por sua variante pessoal: “meu tempo é valioso”.

E o que quer dizer de fato “valioso”? Recebemos

a vida – o período de tempo no qual podemos desfrutar nosso lugar ao sol – como um presente gratuito. E o que é mais precioso: uma vida curta ou longa? Na prática, não parece ser muito fácil apreciar realmente o nosso lugarzinho sob o sol. Muitas vezes, nem temos muito tempo para isso. A vida se revela como uma sucessão de obrigações e realização de expectativas. Não arranjamos tempo “para fazer coisas bonitas”: elas ficam sempre por último. Sempre nos perguntamos se vivemos somente para trabalhar, ou se também podemos divertir-nos um pouco. Será que não notamos nenhuma outra opção interessante? Será que consideramos certas possibilidades impossíveis por enquanto? Achamos que as sendas luminosas são impraticáveis?

PEDRA DE ALTAR Já em seu passado longínquo o homem tinha consciência de sua relação sagrada com o sol. No monumento megalítico *Stonehenge*, o sol nascente passa entre as chamadas “pedras do calcanhar”, no dia 21 de junho, para iluminar exatamente a pedra do altar, situada no meio do círculo: no hemisfério norte, nessa data, inicia-se o verão. Ao meio-dia, o sol está em sua maior distância do Equador Celeste, no grau zero do signo de Câncer – e, por isso, no ponto mais próximo dos habitantes dessa região.

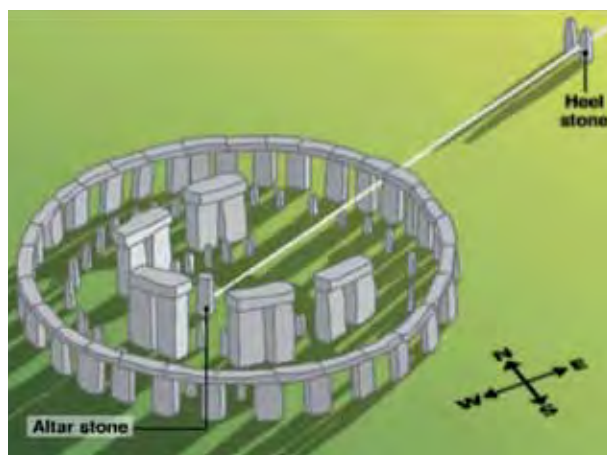
A esfinge do antigo Egito dirige seu olhar para o Leste – portanto, para o “Oriente”, onde o sol nasce. Assim, está “orientada” literalmente para o sol. Durante séculos, as igrejas também foram construídas com o eixo longitudinal da cruz na direção Leste-Oeste. Para a consciência

do gnóstico a esfinge simboliza a dualidade de ser humano. O corpo de leão, descansando na areia do deserto, é o aspecto puramente biológico do homem, que está intimamente ligada com a terra de onde saiu. A cabeça humana com o semblante divino indica para o homem sua ligação com o divino.

“ARRANJAR TEMPO” O sol coloca à disposição de cada ser humano 24 horas por dia. E não há nada que se possa fazer. Então, é o caso de utilizarmos o tempo que nos é concedido sem deixar que apareça aquela sensação de “não ter tempo suficiente”: o jeito é antecipar-nos à ameaça da falta de tempo.

O que fazer então? Nem sequer começar alguma coisa? Isso com certeza não funciona, pois o ser humano não sabe o que é sossego. E mesmo que esse impulso para a ação que se agita em nós pudesse ser domado, ainda estaríamos sob a pressão exercida por outras pessoas e muitas circunstâncias da vida. Em um relógio mecânico, movido à corda, a rodinha que sempre se movimenta para cima e para baixo, causando o tique-taque, chama-se “inquietação” em alemão (*Unruhe*). Vejam só: a inquietação é como que um regente do tempo! É por isso que se fala, quando o assunto é despedida do tempo, “entrar na quietude eterna” ou no “repouso eterno”. Às vezes, parece que a linguagem mais simples consegue abarcar com muita precisão a essência das coisas que estão muito além do cotidiano!

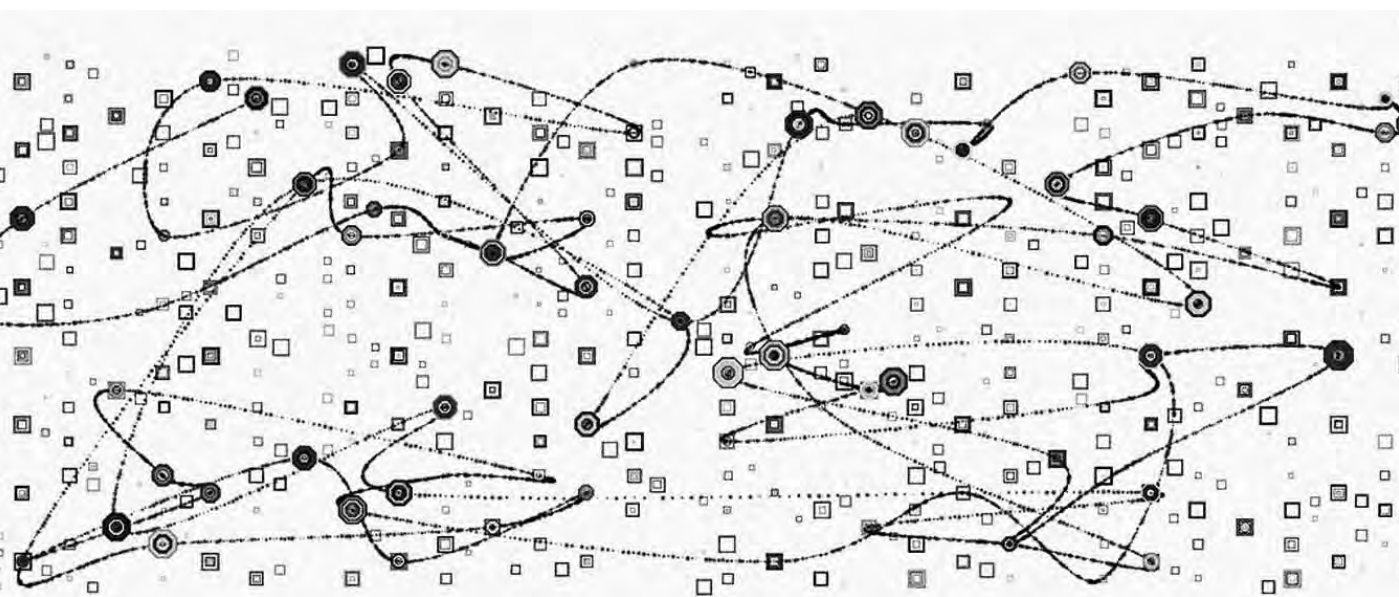
Recorrendo a um paradoxo, poderíamos dizer que “é preciso arranjar tempo para escapar do



tempo”. Se conseguirmos alcançar nosso objetivo – e com a própria ajuda dele – o tempo já se terá tornado supérfluo como veículo. Nossa senda através do tempo é um caminho de experiências que pode conduzir-nos à eternidade. Uma possibilidade que frequentemente passa despercebida é o caminho de vida que conduz para além do tempo, em direção à eternidade! Por detrás da Esfinge está a Grande Pirâmide. A Grande Pirâmide é um templo, não para orações e serviços a Deus, mas um lugar de tomada de consciência. Ela é um testemunho em forma de pedra de que o ser humano pode trilhar uma senda que o levará a unir-se a Deus. Ou para expressar tudo isso de um jeito mais forte ainda: que o objetivo da vida humana consiste em deixar para trás o que é biológico para dissolver-se no divino. A chave para esse caminho da ressurreição nos é dada pela Esfinge: atingiremos o objetivo ao dirigir nosso olhar para o Oriente, quando ousarmos abrir-nos à luz da vida original, que pode clarear as trevas de nossa existência.

Se nos aproximarmos dessa luz, nossa orientação deve ser tal que a pedra do altar, situada no meio do círculo – isto é, o coração humano no centro do microcosmo que o rodeia – seja completamente iluminada por ele ☀

em tudo há luz – reconheça-a em seu próximo



O que um dia teve início com a luz única, que é o próprio Deus, foi semeado em todos os seres humanos e traz calor, razão e reflexão à sua vida. Então, por que não estaria em condição de espalhar, por sobre os seres humanos, milhões de luzes, em uma cidade como Tóquio? Na obra de um artista como Don Relyea, de Dallas, no Texas (figura superior: “... eu escrevo software para criar arte”) – de quem mostramos várias criações nesta edição – também se pode dizer que ele mostra que é justamente a luz, em cada átomo, em cada homem, que faz surgir vida e possibilita expressão, ligação e diferença. Tudo está interligado por meio da luz – por isso é muito verdadeiro dizer: ame o próximo, pois a luz que está em você também está nele...



NOVA EDIÇÃO
REVISTA E CORRIGIDA

O evangelho dos doze santos

O evangelho dos doze santos



Gideon Jasper Ouseley

Gideon Jasper Ouseley

E naquela hora disse Jesus aos seus discípulos: “Pregai a todo o mundo, dizendo: ‘Esforçai-vos para receber os mistérios da Luz, e para entrardes no reino da Luz, pois agora é o tempo apropriado, e hoje é o dia da salvação.

Esforçai-vos, pois, por entrar enquanto soa o chamado, antes que o número de almas que se tornaram perfeitas esteja selado e completo, e a porta seja fechada”.

Quem conhece os textos bíblicos, certamente irá surpreender-se ao ler as mesmas histórias sob uma luz, um sabor e uma fluência inusitados.

Semelhante aos gnósticos do início da era cristã, Gideon Jasper Ouseley sabia que a Verdade poderia ser revelada interiormente e que a missão de sua vida seria materializar a mensagem que lhe fora ofertada por inspiração.

O evangelho dos doze santos foi publicado na forma de folhetim no jornal *The Lindsey & Licolnshire Star*, na década de 90 do século XIX e na forma de livro em 1901.

A primeira tradução brasileira foi publicada pela Escola Internacional da Rosacruz Áurea em 1985.



Pentagrama
publicações

Caixa Postal 39 – 13240-970 Jarinu – SP
tel: (11) 4016-1817 – fax: (11) 4016-3405
<http://www.pentagrama.org.br>
livros@pentagrama.org.br

O “não ser” do olho é o espelho límpido no qual Deus vê a si mesmo.

Quando essa nova luz é inflamada em nós, um novo mundo desabrocha diante de nossos olhos. O que o olho interior vê? Quem vê com o olho interior? É o Homem-Hórus perfeito, divino, a quem os egípcios antigos chamavam “o filho”, que vê dentro de nós seu próprio mundo divino. E nós podemos ser o silencioso e iluminado testemunho dele. Além disso, nesse silêncio – e não poderia ser de outro modo – nosso olho irradiará a força-luz transformada.

“Eu sou a luz dos olhos,
O Espírito que habita
a profundidade insondável.”

Bhagavad Gita

ISSN 1677-2253



9 771677 225003

R\$ 16,00